



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49.—Comp. e Impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — A Charamela. — Notas vagas. — Concertos. — Noticiario.

— Caixa de Secorro a Musicos Pobres

A Charamela

(Notas)

(Conclusão)

O serviço musical do fanático João III era magestoso como o do seu predecessor. Entre músicos de Capella, de Camara e de Charamela, tinha 97 executantes, distribuidos da seguinte forma :

- 53 Cantores
- 8 Musicos de camara
- 16 Menestreis diversos
- 12 Trombeteiros
- 8 Atabaleiros

E não causa estranheza este aparato musical, quando nos lembramos da elevada cultura artistica que caracterisou o nosso seculo XVI, e que se manifestava naturalmente, com maior ou menor solemnidade, em todos os actos em que a musica tinha de intervir.

Alludo de passagem a outro charamela-mór d'esse tempo, Francisco Jacques de Lacerna, ao que parece tambem estrangeiro, e contractado por D. Sebastião por 18\$000 réis para o desempenho do seu cargo e «pera mautimento de hum moço que hade ter para levar os instrumentos ao paço pera meu serviço.» Um irmão d'esse Lacerna, tambem charamela-mór, acompanhou o infortunado monarcha nas guerras d'Africa e perdeu a vida na batalha d'Alcacer.

Estrangeiro era tambem André de Escobar, que em 1579 exercia as funções de mestre dos charamelas da Universidade de Coimbra.

A Charamela do nosso primeiro monarcha espanhol tinha uma composição assaz curiosa ; reproduzo-a, mesmo em espanhol, de Filipe Pedrell ¹:— Cuatro tiples de chirimia y de corneta; dos tenores de chirimia, habiles para ejicutar el bajo de este instrumento; dos contraltos de chirimia que pueden tocar, igualmente, el bajoncito; y cuatro sacabuches.» N'este agrupamento tem o primeiro logar a *charamela* propriamente dita, que se fabricava, pelo visto, em 4 dimensões diferentes, tiple, tenor, contralto e baixo.

Pedrell fallá ainda de uma «escuela de ministriles», creada por Filipe II, o que mostra a importancia que n'essa epoca se ligava á destreza e sufficiencia dos charameleiros.

¹ Op. cit.

Pode também assentar-se que, durante o período filippino, continuava a existir uma charamela real em Lisboa; em apoio d'essa afirmação, temos os documentos do Tombo, revelados por Sousa Viterbo, e pelos quaes sabemos da successiva existencia dos seguintes charamelas-móres: — João Jacques de Lacerna, filho do já citado Francisco Jacques (1589), Diogo Moniz (1609), Eusebio Jacques de Lacerna (1615), e Enselmo de Pinho (1635).²

Foi mesmo durante o dominio espanhol, pelo que posso deduzir de varias fontes de consulta, que mais se vulgarizou entre nós o uso das charamelas. Em 1588 os mendigos de Lisboa, que se haviam reunido em confraria, sob a invocação de S.^o Aleixo, fizeram uma procissão em que figurava a imagem do seu patrono e que era acompanhada com canto de órgão e charamelas. Na que sahia da igreja dos Martyres a 13 de maio para commemorar a tomada de Lisboa, havia não só charamelas e trombetas, mas também danças varias, como na procissão do *Corpus*.³

A Camara Municipal também tinha a sua Charamela, para as occasiões solemnes, taes como cortejos, procissões e outros actos, em que devia fazer-se representar publicamente. Em 1628, fez a Camara um contracto com Marcos Nunes, mestre das suas Charamelas, em que este se obrigava «a servir a Cidade com cinco charamelas, a saber, dois tiples e um tenor, um contralto e um saca-buxa, todos pessoas dextas na dita sua arte, com os quaes se obriga a tanger em todas as procissões e actos publicos em que a Camara se achar, assim antigos, como quaesquer outros que de novo ordenar...»⁴

Já d'ahi se depreheende mais requintada organização da Charamela, que parece imitada da de Filipe I, mas com menor profusão de pessoal.

Considero mesmo que a nossa Lisboa não faria, n'esse ponto, muito má figura ao lado de outras capitães europeas, de não somenos importancia. Acompanho estas notas com uma gravura reproduzida de um quadro de Van Alsloot, que dá bem ideia do que era a Charamela da cidade de Antuerpia pouco mais ou menos por essa epoca⁵; os instrumentistas são apenas seis, e os instrumentos que empunham são, pela ordem em que se encontram no desenho:

- 1 Fagote
- 1 Bombarda (contralto)
- 1 Corneta⁶
- 1 Dulçaina (discant schalmey)
- 1 Bombarda (contralto)
- 1 Trombone (sacabucha)

Não abundam em Portugal os elementos de consulta, que venham em auxilio de certas investigações artisticas, que muitos, por maior fatalidade, reputam frivolas. Assim o abundante seculo que vae de João IV a João V tem para nós, em materia de Charamela, o silencio morno das cousas mysteriosas e intangiveis. Todos sabem o interesse que o fundador da dynastia brigantina professava pelas cousas da musica e a sua preciosa livraria musical foi o padrão, infelizmente pouco durador, de um raro enthusiasmo de melomano. Mas para quem tinha, como D. João IV, tão altas vistas artisticas, que defendia, em lettra redonda, problemas transcendentales de theoria musical, a melhor ou peor organização de um grupo de meia duzia de menestreis anonymos tinha o seu quê de fugidio e inconsistente, em que não valeria a pena pensar. Não admira pois que os seus chronistas sejam omissos a tal respeito; o proprio Viterbo, que tudo escogitou, apenas faz aos charameleiros do primeiro Bragança, umas leves referencias que pouco adiantam para o nosso caso⁷.

D'ellas extráio comtudo um periodo, reproduzido de um dos alvarás de D. João IV, e que define bem quaes eram a esse tempo as attribuições do chefe das charamelas: — «ensi-

² As datas entre parenthesis são as das cartas de nomeação.

³ Ribeiro Guimarães — Summario de varia historia, apud Theophilo Braga — «O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições» (1885).

⁴ Ernesto Vieira e Gomes de Brito.

⁵ O quadro é de 1616 e encontra-se no Museu de Pintura de Madrid.

⁶ Não se confunda esta «corneta» com o clarim ou qualquer outro instrumento de latão. Trata-se do «cornet à bouquin», que era ordinariamente de madeira, coberta de couro, com orificios lateraes e com um bocal. Este genero de corneta era muito usado nos seculos XVI e XVII.

⁷ No seu livro «Artes e artistas em Portugal» (1892), cita umas verbas pagas aos charamelas, trombetas e atabaes nas danças e folgares que se fizeram em honra do infante D. Pedro.

Nos seus artigos recentemente publicados na *Arte Musical* refere-se a um Diogo Moniz II e a um Manuel Pereira, nomeado charamela-mór em 1646.



Uma Charamela em Antuerpia Seculo XVII

nar e adestrar os moços que aprendem a tanger os instrumentos de charamelas e violas de arco e todos os mais instrumentos tocantes ao dito officio de charamela-mór.» Ignoro se o termo *charamelas* se limita aqui a designar o predecessor do oboé, ou se attinge a significação mais lata, que depois se lhe deu, de qualquer dos instrumentos de sôpro que faziam parte da banda; mas não posso passar sem reparo a citação da viola de arco, que pela primeira vez vejo comprehendida entre os instrumentos de uma Charamela portugueza. Fique pois a nota como pretexto para ultteriores estudos e averiguações mais socegadas e vagarosas.

Com respeito a Affonso VI e Pedro II apenas se conhece, e pela mesma fonte, a existencia dos tres charamelas-môres: Vicente Jorge, Gregorio de Palacios e Manuel Antunes Brandão. Parece-me caso para extranhar que a rainha D. Maria Francisca de Saboia, mulher de ambos esses monarchas, não houvesse pensado em dotar as phalanges musicas do seu duplo reinado com um pouco d'aquella pompa, a que vinha habituada da côrte franceza. Para extranhar não, quando nos lembremos das attribuições da sua agitada permanencia em Portugal. Mas o certo é que, sob a suprema direcção de Lulli, os serviços musicas de Luiz XIV tinham adquirido por essa epoca em França uma sumptuosidade de que não havia exemplo em nenhuma outra côrte nem em nenhuma outra epoca. Além da famosa banda *des petits violons*, que era constituída pela *élite* dos musicos reaes, mantinham-se os antigos *Vingt quatre grands Violons* para tocar na ante-camara dos jantares d'aparato e nos bailes; a *Capella* era largamente fornida de cantores e instrumentistas; a *Musica de Camara* tinha, alem de dois *intendentes*, uma legião de musicos.

Finalmente a *Bande de l'écurie*, e n'ella insisto por mais quadrar ao meu assumpto, dispunha de 18 oboés de varios tamanhos, 6 cromornes tambem em diversos diapasões, 2 cornetas, 2 trombetas marinhas, 12 trombetas communs e 1 par de atabales, complexo instrumental que devia dar grande brilho e realce ás festas e torneios em que tinha de figurar.

Ahi a *charamela* (instrumento) já era francamente substituída pelo oboé; em Portugal, presumo que os verdadeiros oboés nunca chegaram a entrar na composição da Charamela e chego até a suppôr, apezar de certos documentos de que adiante fallo e que parecem contraditar-me, que no seculo XVIII tinha aquelle instrumento obsoleto sido supprimido da banda, para, quando muito, se empregar excepcionalmente em casos muito especiaes.

Sob o reinado do vaidoso, dissoluto e fanatico João V a arte hieratica havia attingido a sua maxima pomposidade e brilho. Mafra e Odivellas não assistiram só a scenas de intima galanteria regia; tiveram tambem grandiosas festas em que a pompa musical sobrelevava a da propria Capella Sixtina. Não é para extranhar que o bom gosto inherente a esse subitaneo desenvolvimento da musica, a que não seria de certo extranha a influencia dos artistas estrangeiros contractados pelo perdulario monarcha, não é para extranhar que esse mesmo bom gosto houvesse concorrido para proscrever o tosco instrumento medieval tanto do serviço da Igreja, como da propria Charamela onde o vemos figurar nos seculos XVI e XVII.

Na pauta alfandegaria de 1723, que tive occasião de compulsar, para esta e outras diligencias, prevê-se a importação de *charamelas*, ao lado de poucos outros instrumentos musicos: — as *arpas* (sic), as *trombetas* e as *violas*. E' mesmo essa a unica pauta, das que ainda existem no respectivo archivo, que a tal se refere e nos seguintes termos: — *Charamelas em ternos com sacabuxas*. Mas ou me engano muito ou o termo *charamela* é empregado aqui como synonimo de clarim; hoje ainda fazemos o mesmo, dando, por extensão, o nome de *charamela* ao clarim que se tocava nas Charamelas.

Desapparecendo o instrumento, ficou e ainda por largos annos a instituição homonyma, reduzida na sua composição a clarins, trombones e timbales, uma especie de fanfarra em miniatura.

As tres citações seguintes, que transcrevo do «Diccionario Musical» do sr. Ernesto Vieira, fallam ainda em *charamelas* e as duas primeiras sobretudo parecem dar ao termo a sua significação mais restricta.

«Quando a Rainha Nossa Senhora entrou na varanda, se ouvirão tocar os antigos instrumentos dos Ministres, Charamelas e Trombetas, a que correspondiam com harmoniosas Sonatas os Timbales e Clarins com seu riquíssimo uniforme...» (Auto de aclamação de D. Maria I, 1777).

«Apenas El-rei Nosso Senhor chegou á varanda, tangerão os Ministreis, Charamelas, Trombetas e Atabales». (Auto de aclamação de D. João VI, 1818)

«... veio o Augusto Principe, vestido ao antigo modo Portuguez... tocando todos os Ministreis suas charamelas...» (Acclamação de D. Miguel, Gazeta de Lisboa, 1828)

Não haverá n'esses dois primeiros documentos um excesso de rhetorica burocratica? Haveria perfeita consciencia no emprego do termo? Seja como fôr, o que parece averiguado é que os principaes instrumentos da charamela no ultimo seculo e meio da sua existencia, seriam os de latão com o inevitavel acompanhamento dos timbales, pois que de charamelas e charameleiros propriamente ditos não nos fallam qualquer outros documentos d'essa epoca ⁸, alludindo-se no entanto varias vezes ás trombetas e atabales das Charamelas.

Um bom acaso, pondo-me em presença das proprias musicas dos charameleiros do seculo XVIII e principio do XIX, veio corroborar a minha presumpção. Visitando ha pouco o Museu dos Coches, essa pura maravilha d'arte que os estrangeiros se não cançam de admirar, tive occasião, mercê da extrema cortesia do seu illustre director, de examinar umas collecções de musicas (partes cavas), que eram as proprias que serviram provavelmente até á extinção da *Musica das Reaes Cavallariças*.

São quatro as collecções, todas encadernadas em carneira com cercaduras douradas sobre vistosos ferros e armas reaes portuguezas de diversas epocas. O aspecto das encadernações e a calligraphia das copias é que permitem definir-lhes uma data, ainda que muito aproximada. Duas das collecções não estão de todo completas, sem que comtudo as faltas sejam extremamente sensiveis para a reconstituição do conjuncto.

A collecção, que supponho primeira em data (D. João V ou D. José I), contem 54 peças de varios generos e é constituída por um *ensemble* bastante curioso, cinco clarins, uma parte de *ripieno* ⁹, que a fantasia ortographica do escriba alcunhou de *ripianno*, e um par de timbales, tranformados em *timpanno* no singular, mas com *nn* no plural. Este grupo é reproduzido em 4 *coros*, que em quasi todos os trechos se repetem mutuamente, de modo a poderem tocar-se só com 7 executantes ou com 14, 21 ou 28; ha só nove peças a dois *coros* e uma, a ultima, a quatro *coros*, isto é exigindo o concurso dos 28 tocadores. O agrupamento dos musicos em varios *coros* faz-me suppôr que seria uso, fazendo-os ouvir em grandes recintos ou ao ar livre, distribuil-os em locaes differentes, se bem que não muito afastados, augmentando assim o volume de sonoridade e equilibrando-a melhor. Efeitos especiaes da musica pomposa, como não podia deixar de ser a de tão magnificos monarchas!

Metti em partitura algumas d'essas peças e reconheci que, salvo certos efeitos dialogaes que são descurados e de que se podia tirar grande partido, as harmonias são correctissimas e



O ultimo dos charameleiros

⁸ Sousa Viterbo, que me não canço de citar, respigou entre outros documentos, umas cartas de D. Luiz da Cunha, nosso ministro na Haya em 1728, em que se trata do ajuste de varios «trombetas» e entre elles um certo Klein, trombeta e cor-de-caça (sic), que servia no regimento das Guardas Hollandezas e veio contractado para Portugal por ordem de D. João V. Em 1772 tambem se mandaram vir da Allemanha, para o serviço regio, 20 trombeteiros e 2 timbaleiros, com o seu respectivo chefe.

⁹ «Ripieno» diz-se da parte instrumental destinada a acrescentar o effeito, sem ser comtudo indispensavel na harmonia. E' uma parte accessoria, uma dobra, que era muitas vezes confiada a uma charamela. Aqui é evidentemente um 6.º clarim.

geralmente de bello effeito, tendo sobretudo em vista os poucos recursos dos instrumentos naturaes ¹⁰ empregados na Charamela.

Na 2.^a collecção, que está completa, e que se pode attribuir á epoca de D. Maria I ou de D. João VI, figuram 39 peças. Tem 2 coros de igual composição:— um primeiro clarim em *Eláfá* (*mi bemol*), outro primeiro clarim em *B fá* (*si bemol*), um segundo clarim em *E lá fá*, outro segundo em *B fá*, um terceiro clarim em *E lá fá* e um par de timbales— isto para cada um dos dois *coros*, que, ao invéz do que succede na primeira collecção, tocam partes differentes e dialogam por vezes. O album começa por um *Ino Munto Brilhantthe*, com licença do sr. dr. Candido de Figueiredo.

Na 3.^a collecção, que será do tempo de João VI ou posterior, faltam infelizmente algumas partes mais essenciaes. E tenho realmente pena, pois que, pela escriptura musical dos seus 9 numeros e a calcular por aquelles que pude metter em partitura, é com certeza a mais interessante das collecções. Tem effeitos curiosos, respostas interessantes d'um grupo para outro. Divide-se em dois *coros*, como a precedente collecção, e cada um d'elles tem os seguintes instrumentos:—um primeiro e um segundo clarim em *E lá fá*, outro primeiro e outro segundo em *B fá*, duas trompas em *E lá fá* e o costumeado *timpanno*, isto é, um par de timbales.

A 4.^a collecção parece ser a mais recente, apesar de um anonymo rabujento lhe ter inscripto a desdenhosa apostilla de—*isto é muito velho*. E' tambem, a meu vêr, a que tem menos character, até na composição instrumental, que consta de:—1 flautim, 1 requinta, 2 clarinetes, 2 trompas e 1 trombone. E' especialmente consagrada á arte de Terpsichore, visto conter um Minueto, uma Polacca e nada menos de 49 Valsas, algumas por signal bem difficeis de executar.

São esses os ultimos vestigios palpaveis dos modestos musicos que se chamaram «os mesteis da côrte».

Ainda o seculo XIX não havia chegado á metade do seu giro e a Charamela real deixava de existir. ¹¹

Lambertini.

¹⁰ São instrumentos «naturaes», em opposição aos «chromaticos», os que são desprovidos de chaves, pistons ou cylindros que lhes permittam empregar todas as notas da escala. Os trombones de varas, pela extensão dos tubos, e as trompas de mão, por um artificio especial, são os unicos que, sem qualquer especie de machinismo, conseguem produzir outros sons alem dos que lhe são naturaes (nota fundamental e seus harmonicos).

¹¹ Em principios d'este anno, pretendendo-se receber oficialmente no Museu dos Coches o illustre Presidente da Republica, sr. dr. Manuel d'Arriaga, lembrei quanto seria interessante e artistico fazer executar n'essa conjuntura algumas dos numeros de musica a que acima me refiro. As condições de espaço e de «côr local» não podiam ser mais favoraveis, e estou convencido de que o effeito produzido pelos 4 grupos de clarins e timbales dispostos em pontos separados da enorme nave dos Coches, seria suggestivo e grandioso.

A minha ideia teve o «applauso immediato do director do Museu, que logo me pediu para organizar e dirigir a execução. Infelizmente, depois de haver requerido á «Associação de Classe dos Musicos Portuguezes» que me fossem indicados os artistas necessarios, tive de chegar á desanimadora conclusão de que não temos em Lisboa executantes capazes para traduzir convenientemente essas peças.



Cartas a uma senhora

181.^a

De Lisboa.

No tão caprichoso mosaico do nosso espirito, a miudo succede não percebermos bem os desenhos que elle formou ou vae formando. Depois, basta que uma simples e pequenina

pedra saia do seu lugar para que logo a confusão de todo nos domine.

Tal é o meu caso no presente minuto em que lhe escrevo, querida amiga.

Tantas coisas a um tempo me passaram pela mente, que encalamistrando-se umas nas outras e havendo-se evidentemente deslocado ou perdido uma das taes pequeninas pedras, eu não atino em verdade com o que tencionava dizer-lhe, a proposito, creio, da nossa evolução artistica.

No emtanto, uma coisa logrei salvar d'este descalabro de occasião, e foi que a despeito de quanto insinuam praguentos ou esvurmam pessimistas, a gente lusitana vae lenta, mas persistentemente procurando affirmar-se nas regiões da Arte.

Não será ainda o que visionam sonhadores ou o que ambicionam exigentes, mas é já alguma claridade que até lá fora chega; e, lou-

vado Deus, não estamos todos tão decadentes que tres ou quatro grandes nomes não rompam a escuridão do meio, conseguindo impôr-se á hostilidade de alguns e á indiferença de muitos.

Em materia de pintura, por exemplo, proseguiram as exposições. Além das de D. Emilia Santos Braga e da de Alberto de Sousa, houve ainda a de José Campas e a de Armando de Lucena.

Bem sabe a minha amiga que eu não sou um critico; tenho até um medo instinctivo d'essa especie de *obrivoros* muito util seguramente, mas muito perigosa, sem a menor duvida.

Não; eu sou um vulgar impressionista. Digo o que sinto, registando-o em palavras mais ou menos selectas, segundo os recursos da minha deficiente technica.

Assim, não diminuindo antes possivelmente aggravando os meus erros de plumitivo, d'uma calamidade me livro: a de dogmaticamente pontificar, affirmando com entono verdades estheticas que amanhã deixam de o ser ou peor, passam á categoria de logares communs.

Applicando. Ignoro o que pensa a critica com respeito á obra da sr.^a D. Emilia Santos Braga; mas por mim contento-me a pensar que a fina artista que nos deu as *Caricias*, o *Doce enlevo*, a *Indecisão*, certos trechos do nú, e deliciosas cabecinhas cheias de frescura e de vida, é sem favor alguem em cujo cerebro faiscam scintillações, e muito bem conhece os effeitos da linha, os segredos da côr, a gama das modelações, em suma toda a linguagem variada com que uma paleta pôde falar-nos.

Como professora varios trabalhos das suas discipulas documentam-lhe o ensino e valorisam-lhe o influxo.

Seguindo agora para a exposição de aguarellas de Alberto de Sousa, dentro de mim continua cantando a cotovia do Sonho a sua canção ideal da esperança, porque em frente da obra d'este sincero artista, tão natural e tão probó, eu antevejo para a minha luminosa terra, das frescas fontes e dos claros céus, dias de intenso brilho e de subtil encanto.

Alberto de Sousa, como Alves Sá, são dois poetas no seu genero; um mais subjectivo outro mais objectivo, um pondo na mancha que fixa a propria idealidade da sua alma e amassando com ella o realismo do assumpto tratado: outro temperando com o naturalismo da sua maneira a porção de *irreal* que nas coisas mais reaes nunca deixa de existir, mas que só olhos illuminados podem ou saber ver.

O fino e sensitivo temperamento que em paisagem nos deu, entre outras, a Agualva e o Moinho velho, na figura alguns dos typos

da nossa terra, a tricana, a ovarina, o frade, além da interessante serie, a excursão ao Alemtejo, em que fere ambas as notas, e tem a nobre coragem de ternamente tratar aquella creatura da rua da Amendoeira, fazendo d'essa pequena tela uma, quanto a mim, authentica obra prima, é bem um alto artista em cuja visão passam transfigurados pela emoção da poesia os aspectos rudes ou vulgares, torvos ou ligeiros da natureza e da vida.

Não permittiram os fados que de outra maneira eu testemunhasse ao moço aguarelista a viva sympathia que elle me inspirou, adquirindo para meu regalo proprio alguns dos seus trabalhos, mas nem por isso será menos funda a impressão que em mim causaram.

E enfim consolo-me com a idéa de que o artista novas exposições ha de realisar, e que nem sempre os taes Fados virão interferir descaravelmente nos meus gosos pessoases, negando-me os elementos com que possa satisfaze-los.

Quanto á exposição do sr. Armando de Lucena, tambem recebi agradaveis impressões de varios dos seus trabalhos, onde a meu parecer, se reflecte um modo muito particular de vêr a paizagem, modo que visivelmente entende com um determinado estado de espirito; e, desde que toda a producção de arte outro intuito não visa senão o de procurar transfundir em fórmulas sensíveis, impressões recebidas de assumptos vistos ou imaginados, o resto será questão de technica em que o artista não proferiu de certo a ultima palavra mas longe está de só haver proferido a primeira.

E eis-me de volta com José Campas.

Lembra-se? E' um joven pintor que fez parte da promettedora *ghilda* que Carlos Reis sob a invocação saudosa do querido Silva Porto teve a persistencia de crear encaminhando-a nos primeiros passos.

José Campas fez-se notar nas exposições por essa sociedade promovidas, e partindo para Paris lá completou a sua educação esthetica.

Na exposição de agora José Campas deixamos admirar diferentes modalidades da sua personalidade artistica, e em todas as telas exhibidas ha recantos, ha manchas, ha achados que põem essa personalidade em plena luz.

Sem falar nos seus grandes quadros *Chalupée* e *Tasse de thé* onde por vezes passa, já a faísca de um grande artista, citarei o seu tão suggestivo n.^o 6 *Luctando pela vida*, aquella deliciosa cabecinha que é o n.^o 7, *O meu modelo*; varias das suas telas de Italia uma das quaes *Ruinas do Forum* é uma maravilha; *Idílio*, *Uma egreja*, e outras que eu gostaria de vêr adquiridas por alguem que depois me proporcionasse o prazer de as contemplar ide quando em quando, já que não me sendo dado

adquiri-las, também não ousou esperar que o nosso museu descreva esse gesto.

São do mesmo modo dignas de registo as manchas preciosas que Portugal lhe proporcionou. Os n.ºs 60, 61, 63, 71, por exemplo, acho eu que só um amoroso da terra portuguesa os poderia ter assim visto e exteriorizado; e, á delicada organização de pintor-poeta que com essa intensidade emocional, e essa intuição do vago que nimba e sobredoura a nossa paisagem e em certa maneira a differença da paisagem da terra alheia, soube pôr diante dos nossos olhos trechos humidos de vida e de verdade que elles não podem esquecer, agradeço eu, como ser sensível e vibratil, a alegria que me deu e os sentimentos que me despertou.

Ainda poderia enumerar alguns dos seus retratos, mas o que deixo apontado, basta, acredito, a provar á minha bondosa amiga a existencia de mais um pujante e integral artista que esse Paris, inconfundível mas estonteador, espero não desnacionalizará por completo.

Porque, — e aqui permita-se-me uma nota melancolica — o meu receio é que este pintor tão cheio de dons e de vida, com o coração estuando de amor e o espirito regorgitando de seiva, um dia se esqueça da obscura, da ignorada, da detrahida patria em que nasceu, e para outros reserve os fructos opimos do seu talento, da sua sensibilidade, da sua observação.

Atravessamos um periodo de pessimismo doentio que em certos cerebros tem já operado desastres irreparáveis, e miseras creaturas, que dizendo-se portuguesas cá e lá fóra nos abocanham e nos infamam, fazem a propaganda deleteria d'um desnacionalismo que nem tem grandeza nem coherencia e sobretudo não tem verdade.

Todos os artistas, como seres facilmente suggestionáveis e impressionistas, são muitas vezes victimas d'estas correntes malsãs que procuram arrasta-los atacando-os nos seus pontos fracos ou lisonjeando-lhes as suas tendencias egotistas, as suas ás vezes viciadas propensões sensoriaes; se ao lado da sua imaginação ardente, da sua ideação emotiva, de toda a sua sensibilidade psychica enfim, não os seguir sem descanso não direi pretenciosamente uma forte disciplina philosophica — seria ridiculo exigir tanto — mas uma solida comprehensão do seu papel como defensores do Ideal, do seu destino como impressionadores d'essa placa humana que é a alma das multidões, a sua influencia será passageira ou pernicioso, sobretudo pernicioso.

Façam porém d'esse Ideal, o hymnario sagrado de todas as aspirações de belleza e de perfeição, de amor e de verdade, que em ultima analyse deve ser a obra d'arte, e d'essa placa a

registadora potente de quantos clamores de justiça, de quantas reivindicações de direito, de quantos protestos de sympathia e tolerancia um momento vem atravessa-la, sem o que a humanidade não subsiste a não ser como groseiro aglomerado de interesses e appetites, e serão immensamente grandes.

Porque tudo isto o artista como poeta, creador, qualquer que seja a linguagem em que nos fale, é chamado a tornar palpavel e visível ás gentes varias que vão passando; sómente tudo isto tem de dizê-lo, deve dizê-lo para a terra a que pertence e no idioma que embora comprehensível dos demais povos, fundamentalmente o seja d'aquelle a que ethnologicamente pertence.

Ser muito nacional, até para ser grande internacionalmente falando, eis quanto a mim qual deveria ser sempre a divisa dos que tem o privilegio augusto de nos transmittirem o verbo divino da eterna belleza, cristallisada pelos sons, pelas fórmãs, pelas côres.

Depois a Arte é por excellencia convergente e pacificadora, e quanto mais uma sociedade viva conturbada e dividida, mais a necessidade da sua acção se faz sentir, e se deve exercer.

A familia de Portugal, por mal de todos nós, ainda persiste inimizada e retrahida? A tolerancia em vão lança os seus luminosos versiculos de concordia e de solidariedade para o meio da refrega? Ainda não a escutam? Razões de sobra para os artistas constituirem, elles todos, uma irmandade bemdita que pela sua catechese sem igual procure lançar em meio d'aquelle porção da sociedade que por desgraça se esfacele o divino manto da poesia e da paz, segredando a cada ouvido a expressão propria, a expressão unica que só elles conhecem, e só partindo d'elles poderá vingar.

Por isso querido amigo José Campas, onde quer que a sua boa estrella o conduza pense como é natural do seu formoso espirito, na linda terra que Camões cantou, e guarde para ella algumas primicias do seu já mais que promettedor talento.

Se ella não lh'o agradecer, o que não nego póde succeder-lhe, a consciencia docemente o embalará n'uma tão melodiosa canção, que só de ouvi-la dar-se-ha por bem pago dos sacrificios feitos e até das lagrimas choradas ou das dores soffridas.

Affonso Vargas





A proposito dos concertos que o *Orpheon Portuense* realiscu em 26 e 28 do mez passado, não resistimos á tentação de recortar do *Journal de Noticias* as seguintes linhas, que bem definem o grande exito obtido n'esses concertos pelo barytono Carlos Clark.

Diz o nosso collega do norte:

«A sua voz de timbre sympathico, sem nenhuma aspereza, com a extensão de quasi tres oitavas (de *si* a *sol*, emitidas sem nenhum esforço), conduzida por um vocalismo e uma arte de respirar absolutamente perfectos, d'onde resulta incrível resistencia ao cansaço, é egualissima em toda a sua tessitura, passando com a maior facilidade das notas de cabeça para as de peito e vice-versa, realisando *smorzandos* deliciosos e verdadeiras maravilhas de dicção (como por exemplo na canção ingleza «Leveridge», cantada extra-programma) e tem cambiantes e modalidades de timbre que lhe permitem interpretar com a maxima justeza todo o genero de composição.

Esta extraordinaria opulencia de meios artisticos é posta ao serviço d'um talento de pasmosa versatilidade. Com effeito o eminente barytono americano é egualmente grande em qualquer estylo, quer interpretando o genero severo, quer o leve, quer o dramatico, quer o humoristico, quer o sentimental e apaixonado, quer o gracioso e elegante.

E por sobre este conjuncto de raras qualidades não sabemos qual será mais admiravel, se o seu forte e extraordinario temperamento, se o seu fervor artistico, se a sua esplendida sinceridade de interpretação.

A audição d'este artista genial e verdadeiramente modelar constitue um dos mais requintados gosos artisticos para aquelles que o podem apreciar devidamente.

Não devemos esquecer o pianista sr. Gordon Campbell, que acompanhou o grande artista com muita intelligencia, perfeita segurança e tudo de cór.»

Nos dias 2 e 9 do corrente realisaram-se no theatro da Republica os 13.º e 14.º concertos da Orchestra Symphonica Portugueza sob a direcção do maestro Pedro Blanch.

N'estas audições repetiram-se a 5.ª sympho-

nia de Beethoven, que apresentou agora uma execução mais cuidada, principalmente no *andante* e *scherzo*; a *abertura* de Tchaikowsky (1812); a entrada dos *Deuses* no Walhalla, do *Ouro do Rheno*; o *allegretto* da 1.ª symphonia de Beethoven, a *Rapsodia Popular* de Filippe da Silva e *Os preludios* de Liszt.

O nome de Massenet figurou agora no programma do 13.º concerto com as suas *Scenas pittorescas*, obra bem conhecida de todo o publico e em que se destacam dois numeros de seguro effeito: *Air de ballet* e *Angelus*.

Os dois outros numeros são bem menos interessantes, o que talvez contribuisse para que a orchestra lhes dedicasse menor attenção e se sentissem portanto de falta de firmeza e colorido.

A *Rapsodia hespanhola* de Chabrier não nos encantou. Póde estar tecnicamente bem feita, o que não admira attendendo aos meritos de compositor de Chabrier, mas a fórmula como a *jota* está tratada prejudica-lhe por vezes o seu character bem definido de musica hespanhola.

Na segunda suite de Grieg, *Peer Gynt*, que se executou no concerto do dia 9, temos a mencionar a *Chanson de Solvejg* a que a orchestra dedicou toda a sua attenção, conseguindo dar-lhe um apreciavel colorido e leveza.

Abriu a 3.ª parte do programma d'este dia com *Os Paraizos artificiaes* de Freitas Branco.

O auctor não é um desconhecido para quem tem seguido passo a passo o movimento musical do nosso meio artistico.

Freitas Branco foi o candidato laureado no concurso que a Sociedade de Musica de Camara promoveu ha annos.

A sua *sonata* para piano e violino foi apreciada por um jury composto por artistas e amadores, dos mais cotados, que a julgaram digna do primeiro premio.

Se na *sonata*, mostra Freitas Branco, desprezar antigas theorias e querer lançar-se no caminho aberto pelos modernos compositores, nos *Paraizos artificiaes*, veiu confirmar essa sua orientação pelo emprego de arrojados processos de composição, que em toda a obra apparecem com abundancia.

Não podemos pois, com uma só audição e tratando-se de uma obra tão nebulosa, emittir o nosso parecer sobre o seu valor, o que faremos logo que com ella travarmos mais amplo conhecimento.

Por ultimo falta-nos talar da *marcha militar* de Schubert que agora se ouviu pela primeira vez.

A orchestra executou-a com grande firmeza de rythmo e relevo.

Esta obra, moldada ainda em processos já hoje pouco usados, é comtudo empolgante

pela simplicidade como o auctor trata o motivo inicial, o trio que se lhe segue, e pela extraordinaria quadratura do seu desenho.

A escolha d'esta obra, para remate do programma, contribuiu para que o publico sahisse d'este concerto satisfeito e agradavelmente impressionado.

L. C.

Revestiu um excepcional brillantismo a festa que o *Club Estephania* levou a effeito em 8 d'este mez no salão da sua séde.

Além de uma orchestra de amadores, excellentemente ensaiada e dirigida pelo sr. D. Henrique Menezes de Alarcão, tomaram parte no concerto as primorosas amadoras de canto, as sr.^{as} D. Estella Leitão e D. Ermelinda Cordeiro, e os srs. Cesar Leiria e Jayme de Padua Franco, que na execução de um dueto de violino e piano revelaram optimas qualidades musicaes.

O clou da parte musical d'este sarau era comtudo a sr.^a D. Maria Pinheiro dos Santos, a talentosa pianista diplomada pelo Conservatorio de Bruxellas, que, tanto no *Estudo* em fá menor, de Liszt, como na *Toccata* de Saint-Saëns, e ainda nas peças que executou fóra do programma, *Chanson de Solveij* de Grieg, *Scherzo* de Mendelssohn, e *Estudo* de Chopin, patenteou todos os seus recursos de grande virtuose, em que os primores da technica se alliam a uma intelligencia artistica absolutamente excepcional. Foi delirante a ovação com que a assistencia coroou o seu trabalho.

Não devemos esquecer tambem, n'esta ligeira nota, a sr.^a D. Maria Alarcão, que fez proficientemente os acompanhamentos, e as sr.^{as} D. Fabia Henriques Neves, D. Beatriz d'Almeida e srs. Eduardo Vasques e Alfredo Rocha, que tiveram a seu cargo a parte dramatica do sarau e que n'ella se houveram com invulgar correcção e talento.

Apezar da gentileza do convite, que muito agradecemos, não nos foi possivel assistir ao primeiro concerto orchestral, realisado em 9 no Salão da Trindade, sob a direcção do sr. José Henrique dos Santos.

A este professor, cujas qualidades artisticas muito apreciamos, fazemos em outro logar umas breves referencias; dos seus meritos de director d'orchestra, fallaremos de proximo numero e logo que tomarmos conhecimento com esta nova feição do seu reconhecido talento musical.

O programma do concerto inaugural continha as *ouvertures* de *Nozze di Figaro* e *Coriolano*, um fragmento do *Siegfried*, e numeros

diversos de Bizet, Taubert, Godard, Orenski e Saint-Saëns.

O solista do concerto foi o reputado pianista Alfredo Napoleão, que executou com acompanhamento d'orchestra d'arcos a sua *Fantaisie et Polonaise de concert*. Consta-nos que esta obra foi muito especialmente applaudida tendo tido uma execução muito distincta, tanto por parte do solista como da orchestra acompanhante.

Os concertos do Salão da Trindade continuam todos os domingos, em *matinée*.

No dia 10 houve uma brilhante festa no Palacio Christal, do Porto. Inaugurava as suas audições publicas o *Orpheon Academico*, chamando a collaborar n'essa estreia o notavel professor da Universidade portuense, sr. dr. Eduardo Pimenta, que fez n'um eloquente discurso a apresentação do Orpheon, e os srs. José de Brito, Aura Abranches e Alexandre d'Azevedo, que preencheram a segunda parte de programma com varios numeros, interpretados a primôr e largamente ovacionados pelo publico.

O *Orpheon* executou diversas obras, sob a regencia do distincto academico, sr. Futnro Barroso, constando-nos que teve um exito muito lisongeiro.

Temos presente o programma da sessão de musica de camara que hontem se effectuou na casa Mello Abreu, setima das que tem organizado ultimamente no Porto o illustre professor Moreira de Sá, com o concurso de notaveis artistas.

Executaram-se dois trios de piano e cordas, sendo um de Reinecke (a *Segunda serenata*) e outro de Tschaikowski, e tomando parte, alem do promotor, os distinctos concertistas Pedro Blanco (piano) e José Gouveia (violoncello).

Amanhã, em *matinée*, realisa-se no mesmo local a oitava sessão.



NOTICIARIO

PORTUGAL

No programma da grande Festa Verdiana, que hoje se realisa no salão da *Ilustração Portuguesa* por iniciativa da notavel professora

D. Eugenia Mantelli, figuram, entre outras importantes obras do genial maestro, a aria do *Falstaff* com o côro das fadas, *canzone del velo* do *D. Carlos*, também com côro, o dueto da *Aida* de soprano e tenor e o admirável *Agnus Dei* da Missa de Requiem.

Precederá o concerto uma palestra sobre Verdi pelo nosso prezado amigo e illustre critico d'arte, sr. Alfredo Pinto (Sacavem).

*
**

Partiu a 10 para a ilha da Madeira, onde terá larga demora, o nosso apreciado collaborador e amigo, sr. Luiz de Freitas Branco.

Acompanhou-o sua esposa, a distinctissima violinista, sr.^a D. Stella Avila de Freitas Branco.

*
**

A empresa do Salão da Trindade inaugurou em 9 d'este mez uma serie de concertos symphonicos, que hão de attrahir de certo áquella casa d'espectaculos uma grande concurrencia de amadores de boa musica.

Entregou a empresa a regencia d'esses concertos a um dos nossos mais distinctos artistas, o sr. José Henrique dos Santos, alumno laureado do nosso Conservatorio, onde conquistou as maiores distincções nos cursos de flauta, violoncello e composição.

Como flautista, José Henrique dos Santos pôde considerar-se uma das nossas notabilidades artisticas; os elogios, que Mancinelli, Mugno e outros directores da orchestra de S. Carlos lhe dispensaram sempre, bastariam para consagral-o, se não reconhecessemos todos e de ha muito as suas brilhantes qualidades de tocadôr.

Como compositor, também não é o *premier venu*; as suas composições de character sacro, entre as quaes avulta a oratoria *Jesus e a Samaritana*, as suas *suites* d'orchestra e a sua musica de camara são bem conhecidas do nosso publico, que não tem regateado ao illustre artista as provas do mais sincero apreço.

Esperemos que, na espinhosa missão que lhe foi agora confiada, encontre o sr. Henrique dos Santos novos motivos de triumpho.

A nova orchestra é composta de 30 professoros (instrumentos d'arco) e órgão, estando a execução n'este ultimo a cargo do conhecido artista D. José Bonet.

Os concertos, em que, segundo parece, se fará uma larga parte á musica portugueza, terão o concurso de solistas de reconhecido merecimento.

*
**

Vae tomando corpo a ideia da fundação em Lisboa da grande associação coral, a que nos referimos no numero anterior.

Constituiu-se uma commissão de propaganda, da qual fazem parte muitos dos nossos mais graduados homens d'arte, e que fez a sua primeira reunião a 4 d'este mez, resolvendo não só a creação de um grande corpo coral, com o titulo de *Orpheon de Lisboa*, mas também o emprego de todos os meios ao seu alcance para que o canto coral seja definitivamente incluído no programma das escolas officiaes.

Effectuou-se a reunião nas salas da Universidade Livre, assistindo entre muitas outras pessoas o sr. dr. João de Barros, director geral de instrucção primaria, dr. João d'Almeida, dr. Francisco Rompana, dr. Antonio Joyce, Ernesto Vieira, Thomaz Borba, Guilherme Ribeiro, Antonio Mayer Guerreiro, Affonso Vargas, etc.

*
**

Na artistica residencia do sr. João Arroyo effectuou-se, a 10, uma audição, ao piano, do seu novo poema symphonico, obra de grande envergadura, em que mais uma vez se manifesta, de uma fôrma scintillante, um dos mais genuinos talentos de que se pôde orgulhar o nosso paiz. Esta obra, de que daremos em outra occasião mais pormenorizada conta, divide-se em 4 partes, todas ellas destinadas a descrever e exaltar o Amôr; teem successivamente por titulo:—*Um flirt*, *L'âme chante*, *Ciel d'orage* e *Les Noces*.

Estava esta obra destinada a ser executada pela orchestra do theatro da Republica. Depois de muitas hesitações, que são em boa verdade inexplicaveis, parece que o respectivo director declinou o encargo de executar o poema symphonico, e que este será confiado a outro grupo orchestral, que fará varias audições da inspirada composição portugueza.

ESTRANGEIRO

A Opera Comica de Paris festejou ultimamente a 100.^a representação do *Peléas et Mélisande*, a obra prima de Claude Debussy, que tanto tem dado que fazer á critica de todos os paizes.

Succès fou para a obra e para o auctor.

*
**

O festival Wagner-Mozart em Munich começou este anno em 30 de Julho.

O repertorio mozartiano comprehenderá *Nozze di Figaro*, *Flauta magica*, *D. Juan* e *Rapto no serralho*. Da obra de Wagner, cantar-se-hão os *Mestres*, o *Tristão* e o *Annel*.

Haverá também, no Residenz-theatre, quatro representações especiaes da *Ariana em Na-xos* de Ricardo Strauss.

*
**

Antes do fim da epoca, será cantado o *Par-sifal* em Zurich, onde Wagner residiu alguns annos.

Na Suissa, a obra já é do dominio publico, emquanto que na Allemanha só termina o privilegio no principio do anno proximo.

*
**

Um dos ultimos escriptos de litteratura musical é um brilhante estudo sobre *Schumann*, assignado pelo notavel critico francez, M. D. Calvocoressi, e posto á venda pela casa Michaud, de Paris.

E' um livro muito interessante e documentado, em que o auctor teve principalmente em vista descrever a phisionomia e a alma do celebre musico, durante a tremenda lucta com o mais horrivel dos males que pode victimar um artista — a loucura. N'elle se seguem com emoção as diversas phases do drama: os primeiros symptomas (difficuldade na palavra), as crises de depressão, a lenta invasão do cerebro pelo terrivel mal, os accessos, as allucinações, e por fim a morte n'uma casa de saude.

O estudo de Calvocoressi é seguido de varios escriptos do proprio Schumann e completa-se com um catalogo geral das suas obras.

*
**

O acolhimento que o publico francez fez, nos concertos Colonne, á *Fête chez Pharaon* de Fanelli, não foi tão caloroso como o que dispensou, o anno passado, ás restantes obras do mesmo compositor.

Houve mesmo, segundo dizem os jornaes, alguns protestos.

*
**

Commemora-se este anno o centenario da morte de Grétry.

Em Liège, patria do notavel musico, pensa-se na fundação de um museu, em que figuram os seus autographos, retrato, etc. Os conselhos provincial e communal outhorgaram já subsídios valiosos para creação d'este museu.

*
**

Em Italia, e principalmente em Milão, também se trabalha activamente para prestar, com a devida grandeza, as honras centenares á memoria de Verdi.

Entre outras manifestações, vae encetar-se a publicação da correspondencia particular com editores, directores de theatros, principaes interpretes, etc. Esta publicação deve ficar concluida em outubro.

*
**

A exportação de instrumentos musicos augmentou consideravelmente em França de 1912 para 1913 nos artigos seguintes:

Harpas :

Em 1912 frs. 1.000 — Em 1913 frs. 7.000.

Violoncellos :

Em 1912 frs. 1.000 — Em 1913 frs. 3.000.

Guitarras e bandolins :

Em 1913 frs. 5.000 — Em 1913 frs. 10.000.

Contrabaixos de corda :

Em 1912 nada — Em 1913 frs. 6.000.

Flautas :

Em 1912 frs. 93.000 — Em 1913 frs. 117.000.

Cornetins e cornetas :

Em 1912 frs. 6.000 — Em 1913 frs. 11.000.

Metronomos :

Em 1912 frs. 2.000 — Em 1913 frs. 4.000.

Apparelhos para tocar piano :

Em 1912 frs. 1.000 — Em 1913 frs. 9.000.

Peças separadas d'instrumentos de cobre:

Em 1912 nada — Em 1913 frs. 54.000.

Em outros artigos, deu-se pelo contrario uma diminuição, como por exemplo nos pianos, harmoniums, violinos, violetas, accordéons, harmonicas, machinas falantes e discos.

*
**

Os amigos de Weingartner preparam-lhe uma festa jubilar para o principio de junho proximo, epoca em que o notavel *Kapellmeister* completará cincoenta annos de idade.

Far-se-hão dois concertos, dos quaes um inteiramente consagrado ás composições de Felix Weingartner e outro composto de obras classicas.

*
**

Em Praga houve ultimamente um concerto de musica ultra-moderna, que desencadeou as mais violentas tempestades. O programma

continha um cyclo de 21 melodias, intitulado *Pierrot lunaire*, e composto por Arnold Schönberg, que parece ser o representante do mais avançado futurismo.

Compunha-se o publico exclusivamente de amigos e de adversarios do compositor, o que deu logar a manifestações exageradamente entusiasticas de uns e protestos ruidosos de outros, attingindo-se o auge da algazarra e chegando-se mesmo a vias de facto.

* *

Os centenarios de musicos mais ou menos illustres accumulam-se durante o corrente anno. Agora trata-se tambem de Petrella, o auctor de uns Promessi Sposi, em que ninguem já pensa hoje.

Palermo, onde o artista nasceu e Genova, onde morreu, são as cidades em que se farão mais ostensivas manifestações. Na primeira far-se-ha pomposamente a transladação dos ossos para o Pantheon dos homens illustres da Sicilia. Em Genova pensa-se em uma placa commemorativa, representações de gala e concertos.

* *

Entre as operas novas que tem apparecido em Italia, conta-se *Eguale fortuna* de Vincenzo Tommasini, *Provenza* de Armando Mercuri, *Il battesimo di Derna* de A. Zagra e *Iana* de Virgilio.

* *

O *Cyrano de Bergerac* foi transformado em opera e appareceu, sob este novo aspecto, no Metropolitan de Nova York.

O auctor da musica, Walter Damrosch, e o regente da orchestra, Mertz, tiveram grandes applausos, ao que dizem as folhas estrangeiras.



Caixa de Socorro a Musicos Pobres

por iniciativa da

ARTE MUSICAL

- I—Acceitam-se quaesquer donativos ainda os mais insignificantes, por uma só vez.
- II—A importancia total dos donativos é applicada á compra de titulos do governo, cujo rendimento será distribuido pelos artistas mais necessitados, que requeiram subsidio á administração da revista.
- III—Será publicada em todos os numeros da *Arte Musical* a lista do subscriptores e quantia com que subscreverem.
- IV—Na séde da administração da revista e mais tarde, nos estabelecimentos de musica, theatros, salas de concertos, etc., que o consintam, serão expostos meallheiros especiaes para o mesmo fim.
- V—Nas columnas da *Arte Musical* virá publicado annualmente um balanço promenorizado do movimento da Caixa.

Transporte.....	812\$255
Demetrio da Silva.....	2\$400
Segue réis.....	814\$655

COMPOSIÇÕES PARA CANTO

DO

MAESTRO SARTI

Six chansons à dire: — Le chant de la pluie — Le baiser — Les cheveux — Les deux cœurs — Détachement — Pourquoi rougissent les roses.

Trois chansons à dire: — Dernières prières — Tendresse — Testament d'amour.

Les Chaines.

À venda na CASA LAMBERTINI

43, Praça dos Restauradores, 49

LISBOA